

Discursos, poderes e resistências: uma análise arqueogenealógica do escudo da seleção brasileira de futebol feminino

Discourses, Powers, and Resistances: an archeogenealogy analysis of the emblem of the Brazilian women's national football team

Jacyane Dantas de Sousa¹
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
jacyanedantas11@gmail.com

RESUMO: O presente artigo propõe investigar a emergência de um novo escudo para a seleção brasileira de futebol feminino, compreendendo-o como um acontecimento discursivo a partir da perspectiva desenvolvida pelos Estudos Discursivos Foucaultianos. Busca-se evidenciar como condições históricas específicas autorizam a produção de um escudo sem estrelas para essa modalidade esportiva e como essa produção discursiva se caracteriza como uma prática de resistência de atletas que visam promover a existência de uma modalidade própria. Para tanto, a pesquisa discute as relações de saber-poder que, ao longo da história do Brasil, consolidaram a ideia de um futebol hegemônico na medida em que invalidavam o funcionamento dos diversos futebóis, dentre eles, o futebol de mulheres. Além disso, exploramos como esse exercício de poder faz eclodir práticas de resistência que produzem novos discursos e consolidam novos saberes. A partir da análise de enunciados divulgados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em seu perfil no Instagram, buscamos evidenciar como a adoção desse novo escudo se configura como uma (des)continuidade histórica que marca as disputas em torno do futebol no Brasil.

Palavras-chave: Discursos; Poderes; Resistências; Futebol de mulheres.

ABSTRACT: This article proposes to investigate the emergence of a new emblem for the Brazilian women's national football team, understanding it as a discursive event from the perspective developed by Foucauldian Discourse Studies. The aim is to demonstrate how specific historical conditions authorize the production of an emblem without stars for this sporting modality and how this discursive production constitutes a practice of resistance by athletes seeking to promote the existence of a distinct modality. To this end, the research discusses the power-knowledge relations that, throughout Brazil's history, have consolidated the idea of a hegemonic football insofar as they invalidated the functioning of multiple forms of football, among them women's football. Furthermore, we explore how this exercise of power gives rise to practices of resistance that generate new discourses and consolidate new forms of knowledge. Based on the analysis of statements released by the Brazilian Football Confederation (CBF) on its Instagram profile, we seek to show how the adoption of this new emblem constitutes a historical (dis)continuity that marks the disputes surrounding football in Brazil.

Keywords: Discourses; Powers; Resistances; Women's football.

¹ Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING / UFPB); bolsista CAPES; integrante do grupo de pesquisa Observatório do Discurso.

Introdução

Este artigo propõe analisar o surgimento de um novo escudo, sem estrelas, para a seleção brasileira de futebol feminino, compreendendo tal fato como um acontecimento discursivo (Foucault, 2008) que emerge graças a condições singulares de produção. Os Estudos Discursivos Foucaultianos têm promovido, a partir dos conceitos de Michel Foucault, uma análise voltada não apenas ao que circula como verdade em nossa sociedade, mas ainda às condições de possibilidade, às relações de saber e poder que produzem essas verdades.

Cientes disso, o presente trabalho recorta esse acontecimento – a adoção de um novo escudo – como modo de problematizar os saberes que ao longo da história do Brasil delimitaram o tipo de futebol que estava autorizado a existir e funcionar. Para além disso, pretende-se examinar como práticas de resistência eclodem como modo de responder a esse exercício de poder, sendo elas também inventivas e produzidas por meio desse jogo estratégico do qual emergem os discursos.

A escolha desse acontecimento ocorre por enxergamos, a partir dele, a possibilidade de discutir como práticas específicas sinalizam como a construção discursiva do futebol feminino no Brasil se estabelece por meio da (des)construção de verdades. Ademais, mesmo se tratando de algo ocorrido em 2020, essa atualização no escudo segue reverberando por ainda emergir como uma “novidade” nos jogos oficiais da seleção brasileira de futebol feminino.

Para alcançar tais objetivos, o presente artigo apresentará, em primeiro momento, algumas das noções foucaultianas essenciais para a compreensão do método arqueogenealógico. Na sequência, passaremos a problematizar o modo como o futebol no Brasil se desenvolve em meio a saberes, poderes e resistências produzidos pelos discursos ao longo da história. Por fim, discutiremos, a partir de publicações no perfil da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no Instagram, as singularidades e os efeitos decorrentes da emergência desse novo escudo.

Um trajeto arqueogenealógico

Judith Revel (2005), em seu conhecido livro *Michel Foucault: conceitos essenciais*, expõe algumas das noções basilares da vasta produção foucaultiana. Essa obra nos permite compreender como Foucault, em seu trajeto arqueogenealógico, atribui, a determinados e já conhecidos vocábulos, uma significação outra. Dentre eles, destacamos a noção de acontecimento, que, embora seja habitualmente entendido como uma descrição de fatos, é

explorado nos escritos do filósofo francês como “uma cristalização de determinações históricas complexas” (Revel, 2005, p. 13).

Explorar a ideia de acontecimento como produto de determinações históricas é um dos passos primordiais para entender e, sobretudo, aplicar o método arqueogenealógico. Foucault (2008a) propõe um método voltado à descrição de acontecimentos discursivos, ou seja, um projeto de reconhecimento do discurso como resultado de múltiplas relações que permitem o seu surgimento através de uma irrupção histórica. É proposta uma análise voltada à função daquilo que foi dito no interior de um sistema, e não apenas ao sentido que se pode extrair das coisas ditas. Foucault (2006) explica que sua proximidade com a história não faz dele um historiador, justamente por ele considerar o discurso em sua dimensão de acontecimento. Com isso, conforme sintetiza Navarro (2020, p. 6), “se Foucault propõe um método, este concebe a história como o acontecimento, que, por sua vez, é marcado por táticas e por estratégias de hierarquização próprias de um jogo”.

Diante disso, o presente trabalho visa cartografar o uso de um novo escudo – sem estrelas – na camisa da seleção brasileira de futebol feminino não apenas como um fato histórico, mas como um acontecimento discursivo que eclode por meio de condições singulares. Entender essas condições faz parte de um exercício de visibilizar o constante funcionamento de regras, de relações de saber-poder que determinam aquilo que pode ser dito, isto é, aquilo que está autorizado a circular e a produzir novos sentidos.

Expomos tais problematizações para que possamos compreender o fato de que entender práticas discursivas é muito mais do que explorar frases ditas, é questionar “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” ou “que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?” (Foucault, 2008a, p. 31). Trata-se, no caso aqui estudado, de questionar: sob que condições de possibilidade emerge um novo escudo para seleção em 2020? Por que esse escudo e não um outro em seu lugar?

Para além disso, esclarecemos que, se para Foucault (2008a) o discurso nada mais é do que um conjunto de enunciados unidos por uma formação discursiva, buscamos, neste estudo, flagrar não apenas a concretização material desse escudo, mas também as suas possibilidades de enunciação, ou seja, as regras que delimitam a sua singular existência. Assim, apontaremos também o funcionamento de uma formação discursiva que autoriza a circulação dos discursos que constroem o futebol feminino no Brasil.

Quando falamos que os discursos constroem o futebol feminino no Brasil, passamos a assumir aquilo que Foucault (2008a, p. 55) preconiza: os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. É por meio dos discursos que essa categoria

específica passa, ou não, a existir, pois são os saberes constituídos que legitimam seu exercício. É por essa razão que os Estudos Discursivos Foucaultianos orientam uma análise voltada àquilo que Foucault (2008a) chama de “arquivo” – o sistema de lei que rege a emergência dos discursos, apontando com isso os saberes que produzem e o exercício de poder que daí decorre.

Investigar, portanto, os discursos enquanto formadores de objetos é perscrutar os efeitos de poder que perpassam a produção da verdade, visto que “a discursividade pertence ao campo do poder, pois o saber lhe é consubstancial” (Dosse, 2018, p. 341). Nesse sentido, a verdade se estabelece como uma construção histórica legitimada pelo estabelecimento de um dado saber, o que torna o discurso

um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas "aplicações práticas"), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (Foucault, 2008a, p. 137).

O discurso é tomado como objeto de uma luta política por ser através dele que o poder incita novas práticas, viabiliza novas verdades e produz subjetividade. O futebol, especificamente aquele constituído no Brasil, consolida-se não distante daquilo que as práticas discursivas constroem sobre ele, mas, pelo contrário, manifesta-se como resultado daquilo que essas práticas o permitem ser. Expomos isso para que tal percepção seja basilar à problematização aqui proposta e para que assim possamos compreender como esse esporte funciona por meio condições históricas e sociais específicas.

Futebol, discursos e poderes

No Brasil, habituamo-nos a falar, problematizar e estudar o futebol e não os futebóis. O futebol, marcado por artigo definido e sinalizado como fenômeno homogêneo, figura como uma unanimidade, seja na forma de praticá-lo ou no jeito de torcer, na medida em que invisibiliza outras tantas formas de manifestação desse esporte. Afinal, quem autoriza o que deve ser ou não ser o futebol? Ou melhor, quem define o futebol e, ao defini-lo, ocupa esse lugar tão específico? Umhas respostas – sim, “respostas” para marcar a existência das inúmeras correntes que tomam esse fenômeno como objeto de estudo e “umas” para sinalizar que elas continuam indefinidas, dado que seguem eclodindo – podem aparecer quando tomamos esse futebol como um produto discursivo.

São as práticas discursivas inseridas em condições históricas e sociais que formam esse objeto. Atestar isso é superar de vez a ideia de que o futebol não pode ser considerado “objeto legítimo de análise porque seria uma forma de entorpecimento, de distração, de afastamento dos verdadeiros problemas sociais” (Guedes, 2020, p. 298). Trata-se, em vez disso, de assumir como ele se molda a partir daquilo que socialmente somos e aceitamos ser, de enxergá-lo como uma das esferas através das quais “a ordem social se faz e refaz, inverte-se e reafirma-se, num jogo básico para sua própria percepção enquanto uma totalidade significativa” (DaMatta, 1982, p. 24).

Logo, deveríamos adotar o termo “futebóis” para dar conta da pluralidade social refletida nos diversos formatos desse jogo que se espalha dos multimilionários estádios aos carentes campos de várzea. Contudo, a constante reafirmação do futebol hegemônico não deixa de refletir aquilo que se produz socialmente, pois temos nessa prática o reflexo das exclusões sociais existentes. Dentre essas exclusões, destacamos aqui o futebol praticado por mulheres, sendo esse sistematicamente deslegitimado por, principalmente, não atender ao que se convencionou ser primordial à prática futebolística: masculinidade, virilidade, força, brutalidade, dentre outros. Em resumo, a existência de mulheres praticando futebol é um acontecimento que resiste a inúmeras “verdades” sociais: futebol é coisa de homem; mulher não joga futebol; mulher é o sexo frágil; o esporte é coisa de homem; a função da mulher está na maternidade; e tantas outras.

Vejam como esse futebol hegemônico se desenvolve ao sustentar essas verdades, ao passo que os futebóis emergem como forma de resistir a elas. Por essa razão, Foucault (1996) considera a existência, em sociedade, de uma “vontade de verdade”, uma vez que a produção do discurso obedece a uma ordem que desenvolve procedimentos específicos para controlar a consolidação do verdadeiro e do falso. A vontade de verdade é, pois, um procedimento de exclusão justamente por determinar os lugares nos quais cada indivíduo pode ou não falar e circular. No Brasil, as práticas discursivas em torno do futebol estabelecem uma vontade de verdade que busca um *status* de verdadeiro para os saberes que interdita essa atividade para mulheres.

Além disso, cabe destacar uma vez mais como a consolidação de saberes, ou seja, dessas verdades, exerce poder, produz novas práticas e molda comportamentos. E esse exercício de poder ocorre por meio dos discursos, pois, como afirma Fernandes (2012), o poder integra-se ao discurso através de suas malhas, que perpassam todas as relações entre sujeitos. Quando nos voltamos aos discursos produzidos em torno do futebol, vemos como esse exercício de poder aconteceu na medida em que papéis específicos para homens e mulheres eram delimitados.

Cabe destacar que, muito embora possamos hoje captar mais claramente a exclusão de mulheres no campo futebolístico, essa exclusão não ocorreu ao longo da história como algo assumidamente negativo, mas como uma condução de práticas que direcionava a mulher ao local socialmente produzido para ela. Reforçamos isso para que entendamos que o poder é sutil e nem sempre se manifesta como algo punitivo, controlador ou excludente. Foucault (1995, p. 243) explica que o exercício do poder:

não é em si uma violência que, às vezes, se esconderia, ou um consentimento que, implicitamente, se reconduziria. Ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem e são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações.

O futebol praticado por mulheres sempre foi questionado pelos mais diferentes discursos, seja por aqueles que buscavam sua total interdição através de proibição regimental, seja por aqueles que passaram a desqualificá-lo a fim de afastá-lo de qualquer desempenho que pudesse atrair novas atletas, torcedores, patrocinadores e público em geral. De uma forma ou de outra, o discurso biologizante sempre operou como um dos mais eficazes, uma vez que discursos científicos legitimaram um saber que constituiu esse esporte como sendo “impróprio” para o corpo feminino. Como exemplo, destacamos o decreto-lei de 1941 que, validado por profissionais da área médica, proibiu, por anos, mulheres brasileiras de jogarem futebol, sob a justificativa de que esse esporte seria incompatível “com as condições de sua natureza” (Brasil, 1941).

Os Estudos de Gênero atestam como a dimensão biológica está tomada não por questões naturais, mas sociais. Ao serem retomadas como naturais, as diferenças biológicas passam a funcionar como forma de justificar e perpetuar desigualdades, sobretudo em campos como o esportivo, no qual a corporeidade, os traços e as características físicas são sistematicamente defendidos como primordiais.

Todos esses discursos em torno da prática do futebol por mulheres evidenciam como esse objeto, o futebol feminino, foi produzido muito mais voltado a uma (re)afirmação dos saberes que delimitam a posição-sujeito mulher do que efetivamente a uma prática esportiva. Por isso, cartografar os discursos sobre essa modalidade é também uma tarefa que surge pela necessidade de se repensar, assim como defendido por Butler (2019), a construção discursiva do gênero feminino, bem como as subjetividades que daí decorrem.

Diante dessas questões, torna-se essencial perceber que os saberes constituídos sobre o futebol feminino, ou seja, aquilo que o constrói e marca sua existência e funcionamento, direcionam essa modalidade ao *status* de uma categoria inferior, visto que não emerge como aquilo que se convencionou aceitar como futebol. Dessa forma, inúmeras tentativas de interdição recaem não apenas sobre a questão de poder ou não jogar futebol, mas sobre a atribuição de valor quando se joga: não é a mesma coisa do masculino. Isso explica as reiteradas comparações entre futebol masculino e feminino, que eclodem justamente como modo de marcar o tanto que este está distante daquele, isto é, o quanto o futebol feminino, por todas as suas singularidades, não se constitui como aquele que é socialmente aceito e discursivamente validado como futebol.

Para além disso, registra-se um constante silenciamento dos episódios nos quais mulheres mostraram domínio com a bola e com as regras do futebol. Conforme atestado por Bonfim (2023), já na década de 30, no início do processo de profissionalização do futebol masculino, mulheres demonstraram suas habilidades em gramados, festivais, circos e subúrbios. Contudo, pela falta de interesse, de efetivo registro e até mesmo por uma estratégia de invisibilização, esses acontecimentos foram estrategicamente esquecidos enquanto o futebol de mulheres segue operando na atualidade como uma “novidade”.

Com o passar do tempo e após a queda da proibição, o que se registra, sobretudo nos meios de comunicação esportivos, é uma hipersexualização dessas jogadoras e não uma preocupação em discutir os aspectos próprios a esses jogos femininos. Não temos aqui como expor essas notícias e registros, mas a título de exemplificação, podemos destacar as recorrentes matérias da revista *Placar*². Fernanda (2023, p. 100) explica que esse “tipo de cobertura, ao não representar as mulheres como atletas, mas como objetos de desejo, prejudica a visibilidade da modalidade, afasta patrocinadores e gera atraso em seu desenvolvimento”.

Os pontos até aqui apresentados não esgotam o arquivo que rege o aparecimento de discursos sobre futebol de mulheres no Brasil, afinal, durante tantas décadas, diferentes (des)continuidades históricas produziram uma infinidade de saberes sobre essa modalidade. As questões, entretanto, são representativas e suficientes para nos ajudar a compreender como, no Brasil, o futebol de mulheres foi discursivamente produzido longe dos parâmetros que marcam a circulação de uma modalidade profissional.

Dito isso, passamos agora a destacar aquilo que é central a esta pesquisa e a todas aquelas que visam promover o futebol de mulheres: a atuação de jogadoras mulheres, as

² Revista *Placar* de 19 de julho de 1984. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=3VxTL4P3bV4C&printsec=frontcover&hl=>. Acesso em: 13 ago. 2025.

estratégias para fortalecimento da modalidade, a construção de uma categoria profissional, a produção de saberes que possibilitem o seu reconhecimento enquanto um futebol representativo de toda uma nação.

Resistência estampada

Diante de tantas práticas que, direta ou indiretamente, visam interditar o futebol de mulheres no Brasil, podemos ter a falsa ideia de que esse fenômeno será aquilo que o deixarem ser, como se atletas profissionais ou mulheres que jogam futebol por lazer ou qualquer outro motivo estivessem passivamente obedecendo ao que socialmente lhes é imposto. Todavia, os trabalhos que visam problematizar a prática futebolística de mulheres devem se desenvolver apontando os inúmeros impedimentos, mas também o modo como essas mulheres resistem aos efeitos de poder que produzem para elas um lugar distante do futebol.

Por esse motivo, neste tópico, passamos a expor como um acontecimento específico – a adoção de um novo escudo para a seleção brasileira de futebol feminino – pode nos revelar as contracondutas que fazem com que o futebol de mulheres siga em ascensão e, mais do que isso, possa ser produzido como uma modalidade específica. Foucault (2008b) apresenta como contraconduta as lutas contra os procedimentos que visam conduzir sujeitos. Expomos como contraconduta, portanto, as diferentes práticas adotadas por mulheres, instituições, grupos, organizações em geral, dentre outros, que visam superar os efeitos de poder dos inúmeros saberes que sustentam a ideia de um futebol hegemônico.

Para além disso, essas contracondutas estão contempladas na discussão sobre poder e resistência, desenvolvida ao longo da genealogia foucaultiana. Para Foucault (1979), como explicado anteriormente, o poder não é propriedade de algo ou de alguém, não se destina a lugares específicos; ele circula, só existe em exercício e quando há uma possibilidade de resistência. Dessa maneira, “jamais somos aprisionados pelo poder, podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa” (Foucault, 1979, p. 241).

Nesse sentido, um detalhado estudo poderia se desenvolver ao longo da história brasileira a fim de cartografar o modo como as mulheres resistiram às tentativas de interdição para enfim conseguirem jogar. Isso nos levaria aos circos, aos subúrbios, às comunidades, às várzeas, aos clubes esportivos e a tantos outros locais que historiadores e pesquisadores, aos poucos, vêm revelando. Bonfim (2023) sintetiza que o futebol de mulher encontrou seus

próprios caminhos para existir, o que nos confirma a teoria foucaultiana de que “para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente” (Foucault, 1979, p. 241).

Por ora, como recorte representativo dessas práticas de resistência, passamos a investigar os saberes e poderes que autorizaram a circulação de uma nova camisa para a seleção brasileira de futebol feminino. Sabemos que esse acontecimento emerge em condições distintas daquelas presentes, por exemplo, nos clubes profissionais femininos, que enfrentam ainda mais dificuldades para ter o seu espaço garantido, seja por falta de estrutura, reconhecimento profissional e a consequente não adesão de torcedores. Na seleção, jogadoras, e a própria CBF, contam com os efeitos dos discursos que promovem um apoio a esse grupo por ser ele não um simples time de futebol, mas o próprio país em campo.

Wisnik (2008, p. 28) declara que, no Brasil, “para o bem ou para o mal, uma das mais reconhecíveis maneiras que o país se fez ser foi o futebol”, ou seja, o modo como nos constituímos nação e como nos subjetivamos à posição de brasileiros é em grande parte agenciada pelo papel desempenhado pelo futebol, sendo ele um dos elementos mais fortes do dispositivo identitário brasileiro³. Expõe-se isso para que possamos reforçar que, em grande parte, o apoio endereçado à seleção feminina decorre dos discursos que agenciam a ideia de que, naquele conjunto de atletas, há nossa atuação enquanto nação. Noutros termos, podemos afirmar que, discursivamente, o objeto “seleção brasileira de futebol” está positivamente produzido na medida em que “feminino” segue como objeto construído por saberes negativos ou desconhecidos.

Mesmo diante de tais características, a seleção feminina reafirma seu lugar por meio de práticas de resistência. Afinal, os discursos midiáticos, como exposto até aqui, têm promovido muito vagarosamente uma identificação com esse tipo de futebol específico. Por consequência, temos torcedores, adeptos e admiradores que procuram nessas atletas aquilo que para eles é o único futebol possível, o futebol jogado por homens. Diante dessa procura, em vez de desenvolvimento e valorização, encontra-se mais uma forma de se impedir a construção discursiva dessa modalidade.

Voltando-se ao cenário de 2019, essas características aparecem quando observamos que a seleção brasileira feminina foi a única, dentre as vinte e quatro seleções que disputaram a Copa do Mundo Feminina da Fifa daquele ano, na França, a manter, no escudo da sua camisa

³ Para uma discussão mais detalhada sobre essa concepção e o funcionamento do dispositivo identitário brasileiro, consultar: SOUSA, Jacyane. *Discurso, identidade e subjetividade: uma arqueogenealogia da bandeira e das cores nacionais*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

oficial, as estrelas representativas das conquistas da seleção masculina⁴. Apesar dessa competição ter sido marcada pela estreia de um modelo desenvolvido com identidade própria da seleção feminina⁵, as estrelas foram conservadas. Como analistas, precisamos estar atentos ao fato de que esse acontecimento expõe como aquelas jogadoras buscavam demarcar o seu espaço nesse esporte na mesma medida em que, devido ao símbolo que estampavam, retomavam feitos de outra categoria.

Vale salientar que a primeira Copa Feminina promovida pela Fifa só ocorreu em 1991, ou seja, 61 anos após a primeira Copa Masculina, realizada em 1930. Embora o Brasil tenha participado de todas essas edições oficiais, as atletas entram em campo nesse tipo de torneio apenas doze anos após a revogação da lei que as proibia de jogarem futebol e quando a seleção masculina já ostentava o tricampeonato mundial. Os dados expõem as gritantes desigualdades existentes entre as duas categorias ao mesmo tempo em que revelam como uma promoção discursiva do futebol mulheres exigiria estratégias capazes de reformular todas as construções sociais naturalizadas ao longo desse tempo.

Os sites e canais esportivos publicizaram esse fato no período e destacaram que a CBF, responsável pela elaboração do uniforme, justificava a decisão de manter o escudo com as cinco estrelas da seguinte forma:

Em explicação dada após consulta do UOL Esporte, a CBF afirma que o símbolo com as estrelas representa toda a Confederação Brasileira de Futebol. O pentacampeonato é utilizado em ‘qualquer circunstância’ e registrado como marca oficial da entidade responsável por comandar o futebol brasileiro. A reportagem questionou a CBF se, em caso de conquista de Marta e companhia, uma sexta estrela seria inserida no símbolo institucional. ‘Não trabalhamos com hipóteses’, manifestou a organização por intermédio da assessoria de imprensa.⁶

A declaração da CBF é sintomática daquilo que Veyne (2011, p. 50) afirma sobre os discursos: “são as lentes através das quais, a cada época, os homens perceberam todas as coisas, pensaram e agiram”. Quando afirma que o “símbolo com as estrelas representa toda a Confederação”, a CBF revela como essa instituição age para promover o futebol brasileiro ao

⁴ *Seleção Brasileira é a única a manter “estrelas masculinas” na camisa no Mundial Feminino*. Disponível em: <https://mantosdofutebol.com.br/2019/06/selecao-brasileira-unica-manter-estrelas-masculinas-camisa-mundial-feminino/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

⁵ *Seleção Brasileira Feminina ganha novos uniformes para a Copa do Mundo*. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/noticias-selecao-feminina/a/selecao-brasileira-feminina-ganha-novos-uniformes-para-a-copa-do-mundo>. Acesso em: 28 jul. 2025.

⁶ *Por que as camisas da seleção feminina carregam as estrelas da masculina?* Disponível em: <https://navitrine.blogosfera.uol.com.br/2019/03/13/por-que-as-camisas-da-selecao-feminina-carregam-as-estrelas-da-masculina/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

propagar as conquistas do futebol masculino. O trecho “por comandar o futebol brasileiro” expõe como essa instituição constrói e fomenta a ideia de um futebol homogêneo e determinado. Na mesma linha, o “não trabalhamos com hipóteses” emerge como reflexo de uma instituição que enxerga a trajetória da seleção feminina situada no campo das incertezas, não havendo, então, necessidade de projetar um outro discurso e símbolo. Todos esses enunciados comunicam como a própria CBF se constitui a partir dos saberes discursivamente consolidados até esse período.

Contudo, uma descontinuidade histórica é registrada no ano seguinte, 2020, quando a CBF passa a divulgar uma nova camisa para a seleção feminina, dessa vez com um escudo sem estrelas⁷. Não há como apontar os motivos que levaram a tal decisão, mas é fato que a repercussão e a audiência alcançada durante a copa provocaram novas condições para a emergência de um novo símbolo. Explorar essa emergência nos leva não apenas a observar fatos históricos, mas àquilo que Foucault (2010) declara ser primordial: interrogar o sistema que rege o aparecimento de discursos de uma determinada época a fim de flagrar as formas de *dizibilidade* (sobre o que é possível falar?); de *conservação* (quais enunciados são esquecidos e quais são conservados?); de *memória* (quais as relações entre os enunciados presentes e os passados?); de *reativação* (quais discursos de outras épocas tentamos reproduzir?); e de *apropriação* (quem busca o domínio desses discursos?).

Percebemos, como formas de dizibilidade, os avanços alcançados pela seleção, não apenas nos resultados das partidas, mas na adesão de novos torcedores, nos discursos que cobram espaço e reconhecimento e na resistência das jogadoras que lutam por esse espaço. Já as formas de conservação são registradas na conduta da CBF, e também no público em geral por aceitar a mudança e até apoiá-la, ao retirar desse escudo as estrelas tão representativas da trajetória da seleção masculina e ao apresentar um novo símbolo para a seleção feminina.

A campanha promovida para o lançamento da nova camisa nos direciona às formas de memória, dado que os enunciados ali presentes estabelecem uma constante relação com enunciados passados, ou seja, estabelecem sentido por partirem de um saber já conhecido. No perfil oficial da seleção feminina de futebol no Instagram, gerenciado pela CBF, as publicações enfatizam a chegada de uma camisa “exclusiva”. Como exemplo, selecionamos a publicação realizada no dia 27 de novembro de 2020, composta por quatro fotos e uma legenda.

⁷ *Em momento histórico, seleção feminina estreia camisa sem estrelas do masculino: "Vamos conquistar nossa estrela"*. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/em-momento-historico-selecao-feminina-estrela-camisa-sem-estrelas-do-masculino-vamos-conquistar-nossa-estrela.ghtml>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Imagem 1 - Publicação Instagram⁸

As imagens promovem a divulgação da camisa por meio dos discursos que permeiam o futebol de mulheres no Brasil. Em comum, as quatro imagens possuem mulheres vestindo a nova camisa e um trecho escrito e assinado por cada uma delas, transmitindo, com isso, a mensagem de que, agora, são elas as responsáveis, cada uma com suas particularidades, por escreverem a sua história. Enquanto nas três primeiras fotos temos jogadoras profissionais, Debinha, Andressinha e Adriana respectivamente, na última, temos uma jovem de 15 anos identificada como Rebeka. Torna-se notória a estratégia do lançamento da camisa de abarcar um passado de luta e um presente de reconhecimento com as jogadoras profissionais que, quando assim identificadas, promovem um futuro promissor para todas as meninas que desejam jogar futebol.

⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CIGts8khZHH/?img_index=4&igsh=emdyZHJtMWV5NGxs. Acesso em: 13 jul. 2025.

Em suas falas, tem-se uma mensagem motivacional e encorajadora assinada por Debinha (“não espere para sonhar. Viva o seu sonho diariamente”), que invoca a necessidade de sonhar para, logo em seguida, destacar que esse sonhar não deve estar longe do real, fixado apenas no imaginário, mas na urgência em vivê-lo diariamente. As demais falas destacam mais explicitamente o surgimento da nova camisa. Andressinha enfatiza a honra de vesti-la e traz a certeza de que “agora vamos estampar a nossa própria estrela”. Adriana, além da honra, expõe que “vamos continuar nossa história agora estampando nossas estrelas nessa camisa”. O futuro do presente da primeira pessoa do plural, “vamos continuar”, sinaliza uma luta que não é individual ou momentânea, e sim coletiva e extensiva ao futuro, assim como enfatiza a posse dessa história e das futuras estrelas por meio do uso do pronome possessivo nossa(s). Tudo isso para confirmar que, em um passado próximo, a história desse futebol não teve o protagonismo dessas mulheres, dado que vestiam conquistas que sequer eram suas. Por fim, a fala da jovem de 15 anos (“o sentimento mais maravilhoso de poder vestir a camisa do time em que tanto sonho jogar!!”) reforça a plenitude de quem sonha em atuar pela seleção ao passo que destaca a força de uma camisa com identidade própria.

Na legenda, encontra-se: “A camisa da Seleção Brasileira Feminina agora tem um escudo EXCLUSIVO. Presente e futuro se juntaram para traduzir em palavras a emoção de vestir a Amarelinha”. O destaque dado à ideia de exclusividade visa projetar a concepção de que um novo escudo foi elaborado especialmente para a equipe feminina. Porém, o escudo utilizado é o mesmo presente na camisa masculina e nos demais uniformes dirigidos pela CBF, ocorrendo apenas a retirada das estrelas para uso nas camisas do time feminino. Assim, apontamos formas de dizibilidade na saída das estrelas bem como formas de conservação na manutenção do escudo.

Além disso, podemos explorar que a CBF cita apenas presente e futuro, numa clara referência às jogadoras e à jovem das fotos, mas sem retomar explicitamente algo do passado dessa modalidade. Ao escolher dizer dessa forma, rejeitando tantas outras possibilidades de afirmar, a CBF nos permite explorar como a relação com o passado das mulheres no futebol é problemática, visto que os esquecimentos estratégicos ao se expor essa história segue sendo um dos grandes obstáculos para a construção e aceitação de uma modalidade profissional que joga o seu próprio futebol.

Como forma de analisar os efeitos desse acontecimento, destacamos como a CBF passou a explorar esse novo escudo na preparação para a Copa de 2023. Uma campanha com circulação

principalmente nas redes sociais da Confederação trazia a hashtag #PelaPrimeiraEstrela⁹ como o objetivo de promover o apoio de torcedores aos jogos da competição e à trajetória do time feminino. Vejamos como as condições de possibilidade revelam que, embora ainda seja a busca pela primeira estrela, isso deve ser visto como incentivo e não demérito. Troca-se 5 estrelas que não pertencem a essa modalidade por um vazio que constrói mais eficientemente um discurso para essa seleção.

Alguns desses efeitos são vistos também na campanha veiculada pela CBF na qual se “une as seleções brasileiras”¹⁰. No vídeo institucional divulgado no site oficial da Confederação, registra-se o presidente, Ednaldo Pereira, falando para as atletas em uma espécie de auditório. Antes de apresentar um vídeo de jogadores da seleção masculina, Ednaldo declara:

Todos os atletas pediram para que pudesse transmitir para vocês toda a força para que vocês possam fazer o máximo na Copa do Mundo Feminina. Há pouco tempo atrás, até na última Copa, não tinha a personalização da camisa feminina para vocês. E hoje, é uma Copa do Mundo personalizada para a conquista de vocês. Um trabalho que vocês desenvolvem dentro e fora de campo e que a CBF vai estar valorizando cada vez mais.

A fala do presidente possibilita variadas interpretações, mas vamos destacar aqui dois pontos específicos: a personalização da camisa gera a própria personalização da Copa e o trabalho é desenvolvido pelas atletas, e a CBF apenas valoriza. Propomos destacar com isso como a atualização do símbolo, até pouco tempo ignorada, pode reverberar novas conquistas para a modalidade. Além disso, enfatizamos aqui que tais mudanças decorrem da resistência dessas jogadoras, e de tantas outras, que visam ocupar esse espaço antes negado para assim construir sua própria trajetória.

O vídeo apresentado às jogadoras traz nomes da seleção masculina, como Richarlison, Marquinhos, Danilo, Weverton e Pedro, expondo e vestindo a nova camisa da seleção. Entre imagens e recortes de jogos femininos, um texto é dito simultaneamente pelos jogadores: “Antes vocês vestiam a nossa camisa. Agora, nós também vestimos a camisa de vocês. Boa sorte, Guerreiras! Boa sorte, meninas! Vai, Brasil!”. Em ato um tanto simbólico, a CBF tenta viabilizar uma possível reparação histórica, na qual são os homens que agora vestem a camisa feminina.

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuDZRQjOGjO/?igsh=MWF3a3BrYnFkNzFlaQ==>. Acesso em: 13 jul. 2025.

¹⁰ *Presidente da CBF apresenta campanha que une as Seleções Brasileiras*. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/noticias-selecao-feminina/a/presidente-da-cbf-apresenta-campanha-que-une-as-selecoes-brasileiras>. Acesso em: 13 jul. 2025.

Ao analisarmos o contexto de apresentação dessa campanha, podemos flagrar aquilo que Foucault (1996) expõe sobre a ordem discursiva. Temos a fala do presidente e, em seguida, a exibição de um vídeo no qual jogadores da seleção masculina também se dirigem às atletas que, nesse cenário, apenas escutam. Flagramos uma ordem na qual eles ensinam e transmitem a sua legitimidade para falar sobre futebol e “autorizá-las” a jogar.

Longe de apontar aqui a eficiência de tal estratégia de marketing e incentivo, visamos demonstrar como os discursos nada mais são do que produtos das (des)continuidades históricas, das condições singulares de cada época e cultura. Os discursos decorrentes da emergência de uma nova camisa apontam como a construção de verdades em nossa sociedade é insistentemente agenciada pelas tentativas de apropriação dos saberes. Diante disso, conseguimos flagrar como o futebol de mulheres no Brasil, mais especificamente a seleção brasileira de futebol feminino, resiste ao exercício de poder que nega a essa modalidade o seu direito de se desenvolver e assim existir.

Apontamentos finais

Ainda no início deste texto, lançamos duas perguntas primordiais a esta pesquisa: sob que condições de possibilidade emerge um novo escudo para seleção em 2020? Por que esse escudo e não um outro em seu lugar? Tais questionamentos, decorrentes daquilo que preconiza os Estudos Discursivos Foucaultianos, nos fizeram enxergar esse acontecimento para além de mais um avanço do futebol de mulheres no Brasil.

Dentre as múltiplas condições, pudemos destacar o maior interesse do público pela modalidade, a ação da CBF em seguir uma tendência mundial, mas, sobretudo, as práticas de resistência de mulheres que invertem as verdades impostas ao longo tempo para assim confirmarem que elas também podem jogar futebol. Além disso, pôde-se detectar como essa mudança de símbolo reflete não apenas a vontade de uma instituição oficial, mas os novos saberes constituídos.

Contudo, flagramos como o novo escudo é projetado conservando muitos dos discursos que sustentam a ideia de um futebol hegemônico. A retirada das estrelas referentes às conquistas masculinas é sim um espaço dado para que atletas possam exibir a sua própria história nesse escudo, mas esse novo escudo se projeta a partir da conservação e memória de uma trajetória que excluía mulheres ao passo que confirmava o futebol masculino como o futebol possível.

Encerramos este trabalho expondo a necessidade de continuarmos problematizando as inúmeras verdades naturalizadas em torno do futebol e atestando como a construção discursiva do futebol de mulheres acontecerá por meio de muitas práticas de resistência. Ousamos projetar que, para além do escudo da camisa, ainda há muitos espaços a serem conquistados. No jogo estratégico dos discursos, novos saberes e poderes deverão circular a fim de viabilizar o futebol de mulheres no Brasil.

Referências

BONFIM, Aira. **Futebol Feminino no Brasil: entre, festas, circos e subúrbios**. São Paulo: Aurora, 2023.

BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html> . Acesso em: 10 maio 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

DOSSE, François. **História do estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Unesp, 2018.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOV, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault: uma Trajetória Filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 229-249.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Lura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber/Michel Foucault**. Coleção Ditos & Escritos IV. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta; tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977 - 1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. Resposta a uma questão. In: FOUCAULT, M. **Repensar a política**. Coleção ditos e escritos VI. Organização de Manoel Barros da Motta; tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 1-25.

GUEDES, Simone Lahud. Sentidos, significados e rede de relações em torno do futebol: exemplos analíticos. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (eds.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. DOI: <https://doi.org/10.7476/9786586253467.0017>

HAAG, Fernanda Ribeiro. **“O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele”**: o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil (1983-2023). 2023. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29012024-140050/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

NAVARRO, Pedro. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. **Revista Moara**, n. 57, v. 1, ago.-dez., 2020. DOI: <https://doi.org/10.18542/moara.v1i57.9682>.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.

VEYNE, Paul. **Foucault**. Seu pensamento, sua pessoa. Tradução Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido em: 30 de agosto de 2025
Aceito em: 27 de fevereiro de 2026